

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

POLLYANA MERGULHÃO BARRETO

**FUTSAL JOGADO POR MULHERES: UM ESTUDO SOBRE A CONTINUIDADE  
DA PRÁTICA ESPORTIVA FORA DA ESCOLA**

UBERLÂNDIA

2023

POLLYANA MERGULHÃO BARRETO

**FUTSAL JOGADO POR MULHERES: UM ESTUDO SOBRE A CONTINUIDADE  
DA PRÁTICA ESPORTIVA FORA DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito obrigatório para obtenção do diploma de Graduação em Educação Física – Grau Licenciatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gabriela Machado Ribeiro.

UBERLÂNDIA

2023

POLLYANA MERGULHÃO BARRETO

**FUTSAL JOGADO POR MULHERES: UM ESTUDO SOBRE A CONTINUIDADE  
DA PRÁTICA ESPORTIVA FORA DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito obrigatório para obtenção do diploma de Graduação em Educação Física – Grau Licenciatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gabriela Machado Ribeiro.

Uberlândia, 22 de março de 2023.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Gabriela Machado Ribeiro – FAEFI/UFU

---

Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino – FAEFI/UFU

---

Profa. Ma. Luna Aparecida Gonçalves dos Reis – EMPES/SME

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pela minha vida, por me guiar, e me ajudar a superar os momentos difíceis, por me proporcionar a determinação para conseguir superar meus limites durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, José Roberto e Lara, e aos meus familiares, por todo apoio, ajuda, incentivo e paciência durante todo o processo, que por tantas vezes estive ausente enquanto me dedicava à realização deste trabalho.

À professora Dra. Gabriela Machado Ribeiro, por ter me orientado e desempenhado esta função com muito preparo, dedicação e paciência.

À professora Dra. Aline da Silva Nicolino e à professora Luna Aparecida Gonçalves dos Reis, por terem paciência, dedicação e por terem aceitado participar da banca deste trabalho.

Aos professores pelas correções, conselhos, e auxílio durante todo o processo de formação ao longo do curso.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, com carinho, assistência e amizade incondicional enquanto estava focada neste objetivo. .

Aos meus colegas de curso, com quem convivi por pouco mais de quatro anos, pelas trocas de experiências, que fez com que crescêssemos em conjunto, não somente como estudante, mas como pessoa.

A todos aqueles que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O tema principal deste estudo é o conteúdo de futsal nas aulas de educação física e sua relação na continuidade da prática esportiva fora da escola. Assim, o objetivo geral foi conhecer a repercussão das aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática do futebol jogado por mulheres fora da escola. Para tanto foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritivo – explicativa, realizada por meio de uma pesquisa de campo. Como forma de coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada, entre os meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023, com vinte participantes entre 18 e 37 anos de idade. Esta pesquisa revelou que, majoritariamente, a forma como a educação física foi trabalhada nas escolas que as participantes estudaram, não ofereceu embasamentos para continuar a prática esportiva do futsal fora da escola. Diante disso é necessária uma nova forma de trabalhar este esporte, abrangendo questões de gênero, diversidades de corpos, que devem ser introduzidos em um bom planejamento do/a professor com bases científicas, com uma sequência de aulas coerentes e inclusivas para todos/as estudantes, não ficando apenas no rola bola e também não somente em um formato tecnicista de ensino.

**Palavras-chave:** Esporte. Educação Física Escolar. Futsal Feminino.

## **ABSTRACT**

The main theme of this study is the content of futsal in physical education classes and its relationship in the continuity of sports practice outside the school. Thus, the general objective was to know the repercussion of classes in school physical education in the continuity of the practice of soccer played by women outside of school. To this end, a qualitative research was carried out, of the descriptive – explanatory type, carried out through a field research. As a form of data collection, a semi-structured interview was conducted between December 2022 and January 2023, with twenty participants between 18 and 37 years of age. This research revealed that, mostly, the way physical education was worked in the schools that the participants studied, did not offer any basis to continue the sports practice of futsal outside of school. Given this it is necessary a new way of working this sport, covering gender issues, diversity of bodies, which should be introduced in a good planning of the teacher with scientific bases, with a sequence of coherent and inclusive classes for all students, not only staying in the roll ball and also not only in a technical format of teaching.

**Keywords:** Sport. School Physical Education. Women's Futsal.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
<b>4. RESULTADO E DISCUSSÕES .....</b>	<b>26</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Na Educação Física Escolar, ao longo de sua existência, diferentes temas de ensino assumiram protagonismo como as ginásticas, corridas, exercícios vigorosos, todavia, as manifestações esportivas coletivas vêm, há décadas, ocupando lugar de destaque nos currículos escolares.

Esse cenário, além de suscitar questionamentos sobre o porquê outras manifestações da cultura não têm a mesma ênfase, provoca indagações sobre a forma como esse tema de ensino é desenvolvido, sobre quais são suas repercussões na vida dos estudantes após a sua vida escolar, entre outras

Partindo desse panorama, a questão de pesquisa que orientou esta investigação foi: Qual a repercussão das aulas de Educação Física escolar na prática esportiva de futsal jogado por mulheres fora da escola?

Assim, o objetivo geral deste estudo foi *compreender a repercussão das aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática do futsal jogado por mulheres fora da escola*. Os objetivos específicos foram: identificar a relação das aulas de Educação Física com a escolha da prática esportiva fora da escola, descrever e analisar os possíveis impactos que a Educação Física escolar tem sobre a prática esportiva do futsal jogado por mulheres em Uberlândia.

O interesse em investigar esse tema parte da minha experiência e tem uma relevância pessoal. Enquanto estudante da Educação Básica, não tive incentivo para praticar futsal na escola, mesmo treinando em escolinha contraturno, se dependesse das aulas de Educação Física, não jogaria e tão pouco teria tido contato com a modalidade. E partindo do meu contato com a disciplina de futebol na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, destinada ao currículo de Educação Física Licenciatura-Bacharelado e dois anos depois, ainda na FAEFI, a partir da experiência maravilhosa com a professora que ministrava a disciplina de futebol para o currículo da licenciatura, ambos professores me mostraram possibilidades de trabalhar o tema na escola.

Assim, como este ainda é pouco discutido, pouco vivenciado e que ainda existe credores de que não é para mulher, este estudo além da relevância pessoal, também tem relevância acadêmica, pois é fundamental problematizar a forma como o esporte



ainda é ensinado na escola. É necessário refletir sobre as repercussões que esse ensino terá na vida dos/as estudantes após a vida escolar.

Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritivo- explicativa, por meio de uma pesquisa de campo. Entrevistamos mulheres praticantes de futsal de diferentes regiões da cidade de Uberlândia. A seleção das entrevistadas foi intencional, não probabilística.

O texto foi organizado em cinco partes, sendo elas: introdução, referencial teórico que traz fontes científicas de diferentes autores, procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo, os resultados e discussões decorrentes das entrevistas com as atletas, e por fim, as considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Física Escolar, ao longo de sua história, passou por diversas mudanças, assumindo diferentes objetivos, diferentes ênfases que direcionavam a escolha dos temas de ensino a serem desenvolvidos. Hoje, a Educação Física escolar tem como temas de ensino os jogos e brincadeiras, danças, lutas, práticas corporais de aventura, ginásticas e esportes. Todavia, há várias décadas, o ensino do esporte tem sido considerado o principal conteúdo de ensino, sobressaindo-se em relação a outros.

Após a segunda guerra mundial, o esporte cresceu e passou a influenciar diferentes sistemas na sociedade e a escola, mais especificamente a Educação Física, passou a incorporar às ideias e vivências do esporte de rendimento. Portanto,

A Educação Física assume os códigos de uma outra instituição [**a instituição esporte**], e de tal forma que temos então **não** o esporte **da** escola e **sim** o esporte **na** escola, o que indica a sua **subordinação** aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um prolongamento da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando uma linguagem sistêmica, poder-se dizer que a influência do meio ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior (BRACHT, 1997, p.22, grifo nosso).

A Educação Física, segundo Bracht (1997) tem o movimento corporal como eixo central, compreendendo atividades pedagógicas, tornando-se parte da instituição educacional a qual segue determinados códigos e funções pré-estabelecidos. Por meio da análise de Vago (1996), é possível notar que a escola tem seus próprios “códigos e funções”, tendo autonomia como instituição. Assim, o esporte como conteúdo da Educação Física na escola deveria seguir e assumir os códigos e funções da escola.

Partindo dessas duas visualizações (a escola como subordinada à instituição esporte e o esporte subordinado aos códigos e funções da escola) é necessário perguntar: qual a verdadeira autonomia pedagógica da Educação Física, uma vez que frequentemente segue vertentes que não deveriam ser pertencentes à escola? Quais

critérios para a seleção da forma de apresentação dos conteúdos da Educação Física na escola?<sup>1</sup>

Essas perguntas indagam o entendimento acerca daquilo que já é possível identificar: a partir das buscas da origem de sistemas, em que momento, ou em qual medida um sistema, no caso educacional, sofre influência de outros sistemas maiores?

Para Bracht (1997), os sistemas são diferenciados pela formação de papéis, ou seja, a escola pode estar incorporando papéis que não são do sistema escolar, mas sim de sistemas “mais poderosos”. Nesse sentido, Vago (1996) a partir do texto de Bracht (1992), analisa que ela é perdida, uma vez que a escola se isenta da autonomia que lhe foi “permitida”.

A partir dessa perda de autonomia, Bracht (1997) propõe uma nova perspectiva de escola como instituição, entendendo-se que todo o conhecimento transmitido na escola é produzido fora dela, sendo assim, cria-se uma hierarquia social em que a escola tem sido influenciada, submissa e reprodutora de sistemas maiores dominantes.

Apesar de a Educação Física ter uma grande abrangência de temas a serem abordados como os esportes, lutas, jogos e brincadeiras, ginástica, danças, é possível notar uma defasagem desses, com exceção dos esportes, que têm sua presença quase que, de forma exclusiva, na Educação Física escolar.

Para Betti (1999, p.26), “a escola assumiu o ensino do esporte, praticamente como única estratégia. E esta é uma constatação fácil de ser percebida em toda instituição escolar, tenha ela ou não estrutura para tal”. Diante disso, essa exclusividade do esporte ocasiona um processo difícil de ser aceito e explorado pelos/as estudantes.

Autores trazem o esporte como algo condicionado pelas ideologias que são impostas pela sociedade (KUNZ, 1991; MOLINA NETO, 1991; BRACHT, 1997) a qual está estruturada em um sistema capitalista de produção (BRACHT, 1997). Portanto, segundo Bracht (1986, p.65), “essas características que o esporte escolar apresenta não são geradas no seio do próprio esporte e sim são o reflexo mediatizado da estrutura social em que ele se realiza, ou seja, da sociedade capitalista”.

---

<sup>1</sup> A preocupação é, principalmente, com o conhecimento, mas não é possível ignorar que estratégias de ensino podem fazer toda a diferença.

O esporte é o conteúdo mais presente na Educação Física e vem sendo discutido por várias razões, dentre elas está a problematização quanto ao seu valor educativo, assumindo discussões polêmicas.

Essas discussões evidenciam algumas controvérsias. Bracht (2000), por exemplo, apresenta quatro equívocos originados neste contexto de debates, sendo eles: quem critica o esporte é contra o esporte; quem trata de forma crítica o esporte nas aulas de Educação Física é contra a técnica esportiva; o terceiro equívoco faz-se a partir da relação lúdico X rendimento e, por fim, tratar criticamente o esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão.

O primeiro equívoco, “quem critica o esporte é contra ele”, parte do pressuposto de que há duas visões do esporte, de quem é a favor e quem é contra. Nessa lógica, aquele/a que faz críticas de como o esporte é abordado na escola, seria contra e aquele que “aceita” o esporte, é a favor. O esporte é uma construção histórico-social, que deve e está em constante transformação e, conseqüentemente, em constantes questionamentos de como está sendo. É importante ressaltar que a pedagogia crítica da Educação Física tem em vista a superação de equívocos como este, a fim de restabelecer novas características de homem e sociedade. Dessa forma, quem critica, não vai de encontro a visões conservadoras, no sentido de “sumir” com o esporte ou de não abordar como conteúdo nas aulas de Educação Física, quem critica, busca modificar a forma em que o esporte é tratado na educação física (BRACHT, 2000).

O segundo equívoco também parte do pressuposto que há somente duas formas de ensinar o esporte, a primeira forma é aquela acrítica tecnicista e a segunda seria aquela que ao tratar criticamente, negaria e seria contra a técnica. Os esportes são valorizados socialmente, fazendo com que se busque a perfeição do gesto técnico para que se alcance um objetivo. Isso é fundamental desde que a técnica seja considerada um meio para alcançar determinadas finalidades, ou seja, essa técnica deve ser subalterna à finalidade, mesmo que, variando a finalidade, varie as técnicas. Portanto, os críticos sugerem uma nova forma de ensinar as técnicas, proporcionando novos sentidos e objetivos que serão construídos junto com um novo sentido do esporte (BRACHT, 2000).

As críticas da pedagogia crítica eram destinadas ao rendimento que se contrariava ao lúdico. Separam novamente em dois opostos, o primeiro (lúdico) marcado pelo prazer, liberdade e lado humano. O segundo (rendimento) marcado pelas imperfeições, a dor e o sacrifício. Esse equívoco, refere-se a ideia de que quem

é crítico, é a favor do lúdico e contra o rendimento técnico-instrumental, porém, a crítica, na realidade, é à influência do técnico-instrumental na objetificação das relações sociais-humanas. Neste equívoco, acredita-se que o rendimento está associado às capacidades físicas e promoção da saúde, logo quem defende o esporte como jogo, está negando a aptidão física ou a atividade física, porém a verdadeira crítica não estaria relacionada a não reduzir a este único objetivo de promover saúde (BRACHT, 2000).

E, por fim, o último equívoco descrito por Bracht (2000) trata-se do “achar” que quem é crítico do esporte de rendimento na escola, quer transformar as aulas de Educação Física em sociologia e filosofia do esporte (aula teórica dentro de sala), abandonando o ensino esportivo, que conseqüentemente é associado ao jogar na quadra. Ou seja, a quadra é relacionada a movimentar-se e a reflexão é associada à sala de aula e é preciso superar com esses equívocos e reconstruir novas formas de movimentação e reflexão esportiva.

Após duas décadas de quando esses equívocos foram levantados, ainda hoje podem ser visualizados no âmbito da Educação Física, evidenciando discussões que são recorrentes desde os anos 2000.

Com base nesses quatro equívocos mencionados em relação ao ensino do esporte, é possível apontar que o esporte na escola parte de várias concepções. É necessário que essas sejam analisadas de forma crítica, juntamente com a gestão da escola, considerando o seu projeto político pedagógico – PPP. No seu PPP, a escola deve indicar o tipo de sociedade que pretende contribuir na construção. Logo, uma sociedade e um PPP que não compreendem como é problemático educar sem questionar a forma como a sociedade está posta, as críticas ao esporte de rendimento na escola, não fazem sentido para quem não faz parte e/ou não entende a proposta da pedagogia crítica.

Ainda ressaltado por Bracht (2000), os saberes escolares das diferentes disciplinas passam por análises que vão nortear o que deve e o que não deve compor os currículos.

O autor faz uma relação esporte-sociedade-escola, ou seja, a partir da legitimidade do esporte na sociedade, há uma legitimidade de ensinar esporte na escola, a fim de transmitir o elemento “esporte” o que ficaria a cargo da Educação Física.

Além disso, o autor complementa fazendo uma relação do esporte, do ser esportivo, da apresentação da boa aparência física imposta socialmente, a indústria do lazer e dos materiais esportivos que servem a intensificação do consumo, como possíveis motivos. Os objetos de estudo devem ser discutidos, mas a grande questão é de que o esporte é escolarizado pelos múltiplos interesses consumidores e pela intenção de formar atletas.

Por isso, há uma manifestação favorável do poder público em relação ao sistema esportivo, representando-os em grandes competições, entretanto, quando esse sistema adentra a escola para que haja uma forma pedagógica do ensino do esporte, faz com que tenha confrontos de princípios.

Autores como Sedorko e Finck (2012), têm trazido o esporte na escola e as contribuições que ele permite, como por exemplo, proporcionar a vitória e a derrota, a alegria e a frustração, além de ensinar a ganhar a partir do seu esforço, confiança e responsabilidade, porém, eles também trazem uma análise contrária:

Regras inquestionáveis das competições, pois o esporte produz no comportamento as normas desejadas da competição e da concorrência; as condições do esporte institucionalizado são concomitantemente às mesmas de uma sociedade de estruturação autoritária, ou ainda a abordagem do esporte nas escolas, enfatiza o respeito irrefletido e incontestável das regras, fato que não possibilita a reflexão e o questionamento, mas sim o acomodamento e o conformismo (SEDORKO; FINCK, 2012, p.5).

Sedorko e Finck (2012) fazem uma relação indireta com o primeiro equívoco apresentado por Bracht (2000). Para eles, não é necessário ser radicalmente contrário ao esporte, mas sim problematizar a forma como ele é abordado nas escolas, discutindo a competição exacerbada e o esporte de rendimento. Também trazem as dimensões ideológicas que o esporte atinge e as questões éticas que são afetadas. Sendo assim, no ensino do esporte para Sedorko e Finck (2012),

É evidenciado certas fragilidades em relação ao seu desenvolvimento no âmbito da Educação Física escolar, tais como: a reprodução do esporte de forma institucionalizada, focado no alto rendimento; e também como elemento de controle social, reproduzindo e reforçando a ideologia capitalista, na medida em que limita a compreensão de suas diferentes manifestações e impossibilita maiores reflexões sobre o tema.

Apesar das diversas observações apresentadas por diferentes autores (BRACHT, 1986, 1997, 2000; MOLINA NETO, 1991; SOARES et al., 1992; KUNZ,

1991, 1994; FINCK, 2010; SEDORKO; FINCK, 2012), pode-se entender que é evidente que a forma como o esporte é, majoritariamente, inserido na escola, contribui muito pouco para formação de sujeitos críticos e pode induzir a formação de sujeitos conformados com a naturalização de alguns princípios do sistema esportivo como: a seleção dos melhores, a competição em qualquer âmbito, valorização da vitória.

O esporte tem características conservadoras e tecnicistas, contudo, a escola deveria proporcionar um entendimento e compreensão deste como fenômeno cultural proporcionando um conhecimento mais amplo (SEDORKO; FINCK, 2012).

Este assunto traz a reflexão sobre o esporte na escola e o esporte da escola e remete ao questionamento: é possível um esporte da escola, com seus próprios códigos e funções?

Para Bracht (1992 apud VAGO, 1996, p.9),

Estabelece uma negação radical da possibilidade de se ter o "esporte da escola", negação que se dá com a presença do "esporte na escola". Ou seja, a existência deste impõe-se de tal forma na escola (e à escola), que inibe, inviabiliza, opõe-se, enfim, nega a existência daquele. Então, é a instituição esportiva, como um "sistema mais poderoso", que determina as ações que uma outra instituição mais fraca, a escola (e, nela, a Educação Física) deve realizar. Em decorrência, a ação da Educação Física na escola se limitaria a ser a "base da pirâmide esportiva", a fonte dos talentos para o esporte de rendimento.

O esporte tem diversos valores, dentre eles está o social, cultural, e econômico, e por isso, há um crescente movimento de popularização e, conseqüentemente, é usado para fins políticos e ideológicos. Além disso, vivemos em uma sociedade que é estruturada pelo capitalismo, logo, tudo que está presente no meio acaba se tornando parte de um processo de mercantilização. Sendo assim, o esporte incorpora valores capitalistas que são os mesmos códigos apresentados por Bracht (1997), mencionados anteriormente.

O processo de mercantilização referido pode ser exemplificado na venda de espaços para publicidade nos lugares da prática esportiva (estádios e ginásios, por exemplo) e nos uniformes dos atletas; na compra, na venda ou na troca dos próprios atletas (talvez ainda a maior e mais rentável das mercadorias esportivas, com sua expressão legal na lei do passe), no gerenciamento empresarial dos clubes, num imenso mercado gerado em torno do esporte (produtos de beleza, cigarros, bebidas, roupas, calçados, uma infinidade de material esportivo, carros, bicicletas, motocicletas... tudo pode ser melhor vendido quando associado ao esporte, à ideia de que ele é um bem acima de qualquer suspeita) (VAGO, 1996, p.9).

Mesmo sabendo dos limites da instituição educacional em construir de fato seus códigos e funções, é importante criar uma cultura escolar de esporte que tenha suas especificidades e que enfrente o esporte de rendimento na escola. Portanto, é necessário criar uma “filtragem crítica das atividades corporais, ao ensiná-las, na escola, o que seria fundamental para o desenvolvimento de sua identidade pedagógica” (VAGO, 1996, p.10).

Essa filtragem vai de encontro à ideia de Kunz (1994) de "transformação didática do esporte", e também de Forquin (1992) de "transposição didática" que “para escrever que toda prática de ensino de um objeto pressupõe a transformação prévia deste objeto em objeto de ensino” (VAGO, 1996, p.11).

Ou seja, é preciso transformar um objeto em objeto apropriado para o ensino. Mas é necessário que não fique preso apenas a essa filtragem, transformação e transposição, é preciso “estabelecer uma relação de tensão entre o saber erudito e o saber escolar” (VAGO, 1996, p.12), trazendo novas formas de abordar o esporte da escola. Para isso,

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte. Com ela, a escola vai tensionar com os códigos dominantes da sociedade agregados ao esporte (principalmente com a exclusão da prática cultural de esporte a que a ampla maioria dos alunos é submetida e com a ideia de rendimento e performance que predominantemente orientam o seu ensino na escola) (VAGO, 1996, p.12).

Com essa problematização da escolarização do esporte, podemos chegar a compreender que o esporte da escola, pode contribuir com a compreensão do funcionamento da sociedade e a sua história. Para tanto,

É preciso que se afirme radicalmente essa capacidade de intervenção da escola na sociedade, pois o que de pior poderia acontecer à ideia de se construir um esporte como prática cultural portadora de valores que privilegiam, por exemplo, o coletivo e o lúdico, é o enclausuramento dessa ideia na escola, como se ela fosse possível e desejada somente em seu interior (VAGO, 1996, p.12).

Nessa direção, se houver uma aceitação de que essa ideia do esporte coletivo e lúdico é possível apenas em seu interior escolar é como “negar a gênese social da escola e a sua permanente inserção na totalidade social, negar que ela possa oferecer



à sociedade outras possibilidades de fruição do esporte” (VAGO, 1996, p.12). Se fosse assim, logo não teria sentido o ensino dos esportes na Educação Física escolar.

Portanto, os/as professores/as ao transformarem o esporte em objeto de ensino devem ter embasamentos para produzir uma cultura escolar de esporte, perpassando à ideia defendida por Bracht (1997) da autonomia pedagógica que já está sendo realizada por muitos da área.

A mídia tem grande influência sobre o esporte escolar e, para Sedorko e Finck (2012), os meios de comunicação, principalmente a televisão, influenciam o comportamento dos/as estudantes, podendo ser observado no vocabulário, reprodução de gestos e movimentos vistos, vestuário usado pelos ídolos e times, manifestação corporal (cor do cabelo, corte), entre outros. Além disso, a mídia também é responsável, em alguns casos, até fora dos programas esportivos, pela grande e intensa veiculação de notícias, vídeos, entrevistas, do esporte de rendimento, gerando uma interferência de como o esporte é visto e praticado.

Como já dito anteriormente, os valores atrelados ao esporte são predominantes na sociedade e na escola, isso se dá pelos veículos midiáticos que a todo instante os trazem para o cotidiano das pessoas.

Essa manifestação cultural ocorre através dos meios de comunicação como o rádio, os jornais escritos, os programas televisivos e até mesmo quando se observa um número considerável de pessoas vivenciando a prática esportiva de diversas modalidades em praças e clubes por exemplo (SEDORKO; FINCK, 2012, p.4).

O futebol é um exemplo de midiaticização e um forte expoente deste processo de mercantilização, que veio de raízes burguesas, hoje é um fenômeno de massa, praticado em diversos ambientes, até mesmo sem a presença do objeto principal que é a bola.

Na história do futebol, pode-se destacar a Inglaterra como pioneira na criação de regras, jogadores e organização acerca da modalidade, sendo assim, considerado o país que o criou (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

Segundo Albuquerque e Freitas (2012), a versão de surgimento do futebol no Brasil, se dá pelo paulista Charles Miller, filho de pais ingleses, que foi estudar na Inglaterra aos nove anos e passou a ter vivência no esporte. Em 1894, ele retorna ao Brasil com bolas de couro, camisas, chuteiras e calções e passou a divulgar o esporte bem como suas regras criadas por homens (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

Tanto na Inglaterra, quanto no Brasil, o futebol era restritivo a negros, mestiços, e brancos pobres, uma vez que a prática se dava em clubes e associações frequentados por ricos. Na introdução do esporte no Brasil, pode-se citar diversas situações de preconceito, como por exemplo, o jogador Carlos Alberto tinha que se “passar” de branco para jogar, e por isso, passava pó de arroz no rosto e colocava meia na cabeça para assentar seu cabelo.

Com isso, até hoje o Fluminense, time de Carlos Alberto, é conhecido como “pó de arroz” (WILPERT, 2005). Outro exemplo é a resistência de clubes como o Vasco da Gama (RJ) e o Bangu (RJ) que foram os primeiros a aceitarem negros no time. Essa aceitação não se deu só pela inclusão, mas também pela forma de resistência em negar-se a jogar campeonatos importantes em virtude da proibição dos atletas negros, fato esse que ocorreu na Liga Metropolitana de futebol no ano de 1907, e, em 1923, o Vasco foi campeão carioca tendo diversos jogadores negros e pobres (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

Esses fatos trazem a reflexão de como era o esporte em seus anos iniciais no Brasil e, principalmente, de como esse esporte ainda está estagnado no preconceito e racismo que podemos notar em jogos atuais, mesmo tendo Edson Arantes do Nascimento, ou apenas Pelé, como o rei e maior jogador de todos os tempos (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

Assim como a questão de raça, cor e classe social estão instaladas desde o início do esporte, o preconceito de gênero também é evidente e extremamente atual. Poucos trabalhos científicos recorrem às mulheres e trazem contribuições da inserção delas no futebol, sendo tema ainda em desenvolvimento.

Também foi na Inglaterra que o futebol jogado por mulheres se tornou mais popular, tendo o primeiro jogo oficial que se tem registro acontecendo em 1896 entre as seleções da Escócia e Inglaterra (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018). Na Primeira Guerra Mundial, os homens tiveram que ir para a batalha e as mulheres tiveram que assumir o posto nas indústrias e, conseqüentemente, nos campos de futebol, porém, ao fim da guerra, os homens voltaram para as indústrias e as mulheres voltaram a ser telespectadoras (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

Enquanto na Inglaterra o futebol jogado por mulheres contou com a primeira partida em 1896, no Brasil, só aconteceu em 1920, num jogo realizado entre o Tremembé e Cantareira, de São Paulo (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018). Além do atraso da inserção no Brasil, a modalidade não foi para frente pelo grande preconceito

de serem “consideradas frágeis e teriam que resguardar seus corpos para a maternidade, sendo assim deveriam praticar atividades que exaltassem e fortalecessem sua feminilidade” (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018). Por isso, “não eram quaisquer atividades aquelas que lhes eram recomendadas e o futebol, designado como muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas” (GOELLNER, 2005, p.144).

Através do decreto Decreto-Lei nº 3.199, Art. 54., do Conselho Nacional de Desportos (CND), de 14 de abril de 1941 “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o CND baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941, s/p).

Essa proibição só foi extinta após o fim da ditadura militar em 1986, em nota emitida pelo Conselho Nacional de Desportos, “é necessário a participação das mulheres nas diferentes modalidades esportivas desenvolvidas no país” (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018, p.4-5).

Com o preconceito e com a proibição até o ano de 1986, pode-se dizer que o futebol jogado por mulheres no Brasil só passou a ser mais visto na década de 80 e 90, período em que houve uma impulsão da participação de mulheres em campeonatos e na copa do mundo. Fato que se deu em meio a um ótimo momento da seleção brasileira de futebol jogado por homens que vinha de grandes vitórias nas copas do mundo de 1958, 1962 e 1970 (ALBUQUERQUE; FREITAS, 2018).

A partir desses feitos, o futebol jogado por homens passou a ser mais televisionado, e passou a ter mais lugar no rádio e com patrocinadores. Já o futebol jogado por mulheres, pouco aparece na televisão, em notícias e na rádio, e na internet.

No contexto do início da prática do futebol feminino no Brasil não é possível deixar de lado o papel desempenhado pela mídia, especificamente, da Rede Bandeirantes, que teve papel decisivo no fortalecimento e divulgação desta modalidade no Brasil. Certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores (DARIDO, 2002, p.3).

Em relação às diferenças salariais e de patrocinadores, pode-se citar o caso da jogadora Marta Vieira da Silva, que mesmo sendo a maior artilheira em Copas do Mundo, tanto feminina, quanto masculina, e sendo considerada a melhor jogadora do mundo por seis vezes, não utilizou nenhuma marca esportiva na última olimpíada

(2021) e na última copa do mundo (2019), em decorrência as discrepâncias salariais e de patrocinadores comparados à colegas homens (UOL, 2021).

Nos dias atuais, o futebol jogado por homens é televisionado pelo menos duas vezes por semana em TV aberta, já o futebol jogado por mulheres passou a ser televisionado no ano de 2022, após acordo contratual com a Globo, ou seja, ainda com base em interesses econômicos. Em suma, toda essa mídia em torno do futebol jogado por homens, acaba incentivando desde cedo os meninos a jogarem, já as meninas acabam sendo refletidas ainda na cultura de dona do lar, portadoras da beleza e progenitoras, ou seja, ganham utensílios domésticos, cosméticos e bonecas.

Essa segmentação também esteve presente desde os primórdios da Educação Física que ao seguir um viés higienista, focava em formar homens fortes e saudáveis preparar/formar mulheres para a maternidade. Os objetivos da Educação Física eram diferentes, logo as atividades também eram, e por muito tempo havia uma separação de turmas, que era explicado pelas diferenças biológicas e finalidades acerca das atividades físicas que teria que contemplar determinadas capacidades físicas e habilidades corporais, sendo assim, o discurso de separação por gênero foi legitimado a partir dos diferentes objetivos (JACÓ; ALTMANN, 2011, p.2).

Apesar dessa separação ser fruto dos primórdios da Educação Física, ainda hoje pode-se identificar separação de atividades de “meninos” e “meninas”, acirrando cada vez mais as práticas sexistas e o preconceito. Não somente nas escolas, mas também se pode notar essa separação comum no contexto familiar, onde o menino tem o estímulo de jogar futebol, já a menina é advertida caso tenha interesse e afeto por tal modalidade.

Assim, como já dito no início deste texto, o esporte na escola, e isso inclui o futebol, é reflexo da sociedade, esta que ainda é preconceituosa, machista e sexista.

Então, como professor/a de Educação Física, é importante:

Desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada. Permitir ou possibilitar através desta pedagogia que estes indivíduos possam analisar criticamente o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto socioeconômico-político e cultural (BRACHT, 1997, p.65).

De acordo com o Art. 26, § 3º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Educação Física é considerada componente

curricular obrigatório, salvo em alguns casos dispostos na Lei<sup>2</sup> (LDB, 1996), pois, até então, era considerada atividade complementar, ou seja, não era obrigatória, não continha elementos da cultura da Educação Física escolar e, muitas vezes, ainda era separada em turmas de meninos-meninas em decorrência do viés anteriormente citado.

A Educação Física está presente nas escolas com a finalidade de ensinar as manifestações culturais historicamente construídas, que são configuradas em temas ou formas de atividades, ou seja, o esporte deve ser ensinado nas escolas, fazendo parte do que é tratado na Educação Física, o que chamamos de cultura corporal (SOARES et al., 1992).

Considerando as manifestações da cultura esportiva, o futsal é um dos esportes mais populares do Brasil e a modalidade mais praticada na educação física escolar.

O futsal está presente na nossa cultura, e deve estar presente nas aulas de educação física escolar, portanto, “desconsiderar o futsal nas aulas de Educação Física Escolar é negar a cultura do país” (CUNHA, 2014, p.7).

Diante do que foi exposto até então, a questão de pesquisa que orientou esta investigação foi: Qual a repercussão das aulas de Educação Física escolar na prática esportiva de futsal jogado por mulheres fora da escola?

Direcionando o olhar para modalidade futsal, o interesse em investigar esse tema parte da minha experiência e tem uma relevância pessoal. Enquanto estudante da Educação Básica, não tive incentivo para praticar futsal na escola, mesmo treinando em escolinha contraturno, se dependesse das aulas de Educação Física, não jogaria e tão pouco teria tido contato com a modalidade.

Partindo do meu contato com a disciplina de futebol na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, destinada ao currículo de Educação Física Licenciatura-Bacharelado, e dois anos depois, ainda na FAEFI, a partir da experiência maravilhosa com a professora que ministrava a disciplina para o currículo da licenciatura, ambos professores me mostraram possibilidades de trabalhar o tema na escola. Assim, como este ainda é pouco discutido, pouco vivenciado e que ainda existe credores de que não é para mulher, este estudo além da relevância pessoal,

---

<sup>2</sup> I. Estudante que cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II. Estudante maior de 30 anos; III. Estudante que estiver prestando serviço militar ou em alguma atividade semelhante à prática da educação física; IV. Estudante amparado pelo decreto de lei nº1.044 de 21 de outubro de 1969; V. Estudante que tenha prole.

também tem relevância acadêmica, pois é fundamental problematizar a forma como o esporte ainda é ensinado na escola. É necessário refletir sobre as repercussões que esse ensino terá na vida dos/as estudantes após a vida escolar.

Assim, o objetivo geral deste estudo é de conhecer a repercussão das aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática do futebol jogado por mulheres fora da escola e os objetivos específicos são de identificar a relação das aulas de Educação Física com a escolha da prática esportiva fora da escola, e descrever e analisar os possíveis impactos que a Educação Física escolar tem sobre a prática esportiva do futsal jogado por mulheres em Uberlândia.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva explicativa, realizada por meio de uma pesquisa de campo. Sendo assim, a pesquisa descritiva, segundo Gil (2008, p.28) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”, já as pesquisas explicativas “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”, ou seja, a pesquisa descritiva explicativa busca descrever um fenômeno, explicando este através dos resultados.

Para a realização deste estudo foram convidadas mulheres acima de 18 anos que jogam regularmente futsal na cidade de Uberlândia – MG. Os convites foram realizados a partir do envio de mensagem de texto no WhatsApp nos grupos pertencentes a “rachas”<sup>3</sup> de diversos bairros da cidade. Não houve grandes manifestações de interesse, desta forma, foi realizado um convite por mensagem individual. Foram convidadas 28 atletas de futsal, mas nem todas aceitaram participar.

A seleção das entrevistadas foi intencional, não probabilística. Segundo Carvalho et al. (2014),

a amostragem intencional, também chamada de amostragem por julgamento, faz parte de amostragens não probabilísticas, sendo destas a que envolve a maior participação por parte do pesquisador na escolha dos elementos da população os quais irão compor a amostra.

A coleta de dados foi realizada por meio da realização de uma entrevista semiestruturada, entre os meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023. Ao todo, foram realizadas 20 entrevistas, de forma presencial em quadras da cidade de Uberlândia – MG. A entrevista teve 20 perguntas que foram divididas em três blocos, são eles: bloco 1 - perfil da participante (questões 1 a 8), bloco 2 - prática de futsal (questões 9 a 14), bloco 3 - esporte e educação física escolar (questões 15 a 20).

Todas que aceitaram participar receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os encontros foram gravados por áudio. A duração média foi de 10 minutos cada entrevista, e após a coleta, foram transcritas

---

<sup>3</sup> Denominação usada para partida de futebol amador.

no *Microsoft Word*. A seguir apresentamos a tabela com a caracterização das participantes.

Tabela 1. Caracterização das participantes do estudo

<b>ENTREVISTADA</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>ZONA/REGIÃO RESIDENCIAL</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>TIPO DE ESCOLA</b>
Entrevistada 1	19 anos	Cursando Ensino Superior	Zona Leste	Estudante	Solteira	Privada
Entrevistada 2	18 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 3	18 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Desempregada	Casada	Pública
Entrevistada 4	30 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 5	32 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 6	24 anos	Cursando Ensino Superior	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 7	37 anos	Ensino Médio Completo	Zona Sul	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 8	18 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Estudante	Solteira	Pública
Entrevistada 9	18 anos	Ensino Médio Completo	Zona Norte	Estudante	Solteira	Pública
Entrevistada 10	19 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Desempregada	Solteira	Pública
Entrevistada 11	18 anos	Cursando Ensino Superior	Zona Sul	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 12	31 anos	Ensino Superior Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 13	34 anos	Ensino Médio Incompleto	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Casada	Pública
Entrevistada 14	32 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Ambas
Entrevistada 15	20 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 16	26 anos	Cursando Ensino Superior	Zona Norte	Desempregada	Solteira	Pública
Entrevistada 17	28 anos	Ensino Médio Completo	Zona Oeste	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Ambas
Entrevistada 18	29 anos	Ensino Médio Completo	Zona Sul	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública



Entrevistada 19	33 anos	Ensino Superior Completo	Zona Sul	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Pública
Entrevistada 20	25 anos	Ensino Superior Completo	Zona Central	Trabalho com Vínculo empregatício	Solteira	Privada

---

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As participantes do estudo são, majoritariamente, mulheres jovens, nove delas têm entre 18 e 24 anos, cinco entre 25 e 30 anos e seis mais de 30 anos. Em relação à escolaridade, 12 possuem ensino médio completo, quatro estão cursando o ensino superior, três têm ensino superior completo e uma tem o ensino médio incompleto. Quanto à localidade de residência das participantes, 12 moram na região oeste da cidade, quatro na zona sul, duas na zona norte, e uma na zona leste e uma na região central. No que tange a ocupação, 14 tem algum trabalho com vínculo empregatício, três estão desempregadas, e três são estudantes. Já em relação ao estado civil, duas são casadas, e as outras 18 solteiras. E em relação ao tipo de escola que estudou na educação básica, duas estudaram o tempo todo em escola privada, duas estudaram ora em escola pública, ora em escola privada, e as outras 16 estudaram sempre em escola pública.

Tabela 2. Perfil Sociodemográfico

QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS		N
Idade	De 18 a 24 anos	9
	De 25 a 30 anos	5
	Mais de 30 anos	6
Escolaridade	Ensino Superior Completo	3
	Ensino Superior Cursando	4
	Ensino Médio Completo	12
	Ensino Médio Incompleto	1
Região/zona residencial	Zona Oeste	12
	Zona Leste	1
	Zona Sul	4
	Zona Norte	2
	Região Central	1
Ocupação	Trabalho com vínculo empregatício	14
	Estudante	3
	Desempregada	3
Estado Civil	Solteira	18
	Casada	2
Tipo de escola que estudou	Pública	16
	Privada	2
	Ambas	2

Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionadas sobre onde praticam futsal, nove atletas responderam em lugares que tem o futsal de forma sistematizada, ou seja, tem um/a treinador/a à frente do treinamento, além de abordar aspectos físicos, táticos e técnicos em treinos que são periódicos e gratuitos. Exemplo: *“no UTC, Sesi, Praia Clube”* (Entrevistada 3), duas mulheres também têm o mesmo tipo de treinamento sistematizado, porém em lugar pago/privado, *“NeoSport”* (Entrevistadas 2 e 15), e as outras nove mantêm uma periodicidade, porém não há ninguém à frente, apenas se reúnem para jogar sem visar o rendimento, o chamado *“racha”*, *“atualmente nas quadras daqui de Uberlândia, só brincando, só racha”* (Entrevistada 12).

Em relação ao tempo que elas praticam futsal, cinco das entrevistadas responderam que iniciaram a prática entre 1 e 5 anos *“esse ano, 2022”* (Entrevistada 9), entre 6 e 10 anos corresponde a três e mais de 10 anos corresponde a 12 respondentes, *“desde os meus 6 anos”* (Entrevistada 15).

Quando questionadas sobre como começaram a jogar futsal, seis relatam que tiveram a introdução do futsal por familiares, 11 foram por amigos ou a partir de brincadeiras na rua e apenas três por causa da educação física escolar. Em seguida, quando questionadas sobre quem as incentivou, 10 mulheres indicaram o apoio da família, oito não tiveram apoio/incentivo de ninguém, uma teve apoio de uma professora de Educação Física e outra teve apoio apenas de amigos. A entrevistada 1 diz *“meu pai me incentivou praticar, e também aprendi a jogar com ele, jogo desde criança, ele foi me ensinando, eu fui tomando gosto, com o passar do tempo comecei a jogar na escola e hoje estou jogando somente na faculdade”*. Em contrapartida a entrevistada 19 relata *“na rua, eu mesmo me incentivei”*.

De acordo com a pesquisa de Lo (2020), que aborda o futsal como conteúdo a ser trabalhado nas aulas com a prática de meninas e as discussões de gênero existentes, parte das estudantes participantes, tiveram apoio de seus pais, bem como a inserção das estudantes no futsal se dava pela influência de suas amigas.

Um fato a se observar é que uma dentre as três que começaram a jogar na escola, relata que não recebeu nenhum incentivo, ou seja, nem da própria escola *“Educação Física de escola. Não ninguém me incentivou”* (Entrevistada 5).

No decorrer da entrevista foi perguntado se já haviam participado de alguma escolinha de futsal, e se caso a resposta fosse sim, essa escolinha era exclusiva de

meninas, ou misto. Dez entrevistadas relataram que não participaram de nenhuma escolinha de futsal, cinco responderam que ora era misto com homens, ora com mulheres, duas misto, e três participaram de escolinha exclusiva para meninas.

Em relação a preconceitos, quatro responderam que não sofreram, mas majoritariamente, o que correspondente a 16 entrevistadas, responderam que já sofreram preconceito, sendo que todos eles foram referentes a gênero.

A entrevistada 8 relata um exemplo do que escutam, *“já, é chato né, mas..., a gente aprende a ignorar esse tipo de coisa, que futebol não é coisa para mulher, tem que ir para a cozinha, coisa rotineira para quem joga já”*. Também a entrevistada 11 diz: *“Sim, os outros falavam que não joga nada por ser mulher, que é ruim, futebol feminino é ruim tanto para ver quanto a pessoa que joga”*. Nesta direção a pesquisa de Oliveira (2019), que analisa a participação de meninas no futsal da educação física escolar, apresenta que 83% das entrevistadas do seu estudo dizem haver preconceito por meninas jogarem futsal, sendo que 65% já sofreram algum tipo de constrangimento no ambiente escolar, ou seja, 18% presenciaram algum tipo de preconceito, porém não foi a “vítima”.

Quando questionadas sobre as possíveis dificuldades as respostas, foram categorizadas em três grupos: a) quem tem dificuldade, b) quem não tem e c) quem já teve. A partir destes, identificamos que oito responderam que têm obstáculos para praticar atualmente, dessas, quatro fazem uma relação das dificuldades com o corpo e/ou condicionamento físico, três relacionam com o trabalho e/ou tempo e uma relaciona com o incentivo ao esporte pela sociedade. Nove disseram que não têm dificuldades, e três relatam que já tiveram dificuldade para praticar.

*Hoje não, mas inicialmente tive dificuldade porque até meu pai achava que era coisa de homem, antigamente tinha menos mulheres que praticavam, então jogava muito com homem, pulava o muro da escola para jogar, então meu pai ficava né..., as vezes não queria deixar, mas hoje em dia é tranquilo. (Entrevistada 12).*

Após abordarmos as dificuldades para a prática, direcionamos a entrevista para aspectos referentes às aulas de Educação Física na escola.

Nesta dimensão, foi possível constatar respostas que possibilitam problematizar diferentes questões. Segundo as Entrevistadas 1 e 14 (somente elas), a educação física era “realmente aula”, abrangendo questões históricas, sociais, técnicas do esporte, friso que a definição é na perspectiva delas. Em contrapartida, as entrevistadas 3, 6, 8, 9, 11 e 12, relatam que as aulas eram livres ou rola bola. “A

*maioria delas eram livres, deixavam fazer o que quisesse na quadra, essas coisas, todas livres”* (Entrevistada 9). Essa situação remete para o que adverte Lo (2020, p.16), “alguns profissionais não têm um planejamento específico para aulas, o que acaba se tornando uma reprodução de esporte sem fundamentos, metas e objetivos, gerando fatores de aspectos negativos”.

Mesmo o futsal sendo um dos esportes mais vivenciados na E.F escolar, as Entrevistadas 2 e 18 relatam que as aulas de Educação Física tinham a visão de treinar o físico e o corpo. Parte das entrevistadas, - 4, 5, 7, 8, 11, 12 e 17 - deixam explícita ou implícita as relações de gênero. Relatam como é forte a presença dos meninos nas aulas, ou até mesmo a proibição das atividades para as meninas. A Entrevistada 7 descreve a presença dos homens nos espaços,

*Na época que eu estudava, praticava vôlei, era bem ativa na educação física. Tinha vôlei para as meninas, e para os meninos futsal, tinha essa separação, não tinha muita menina jogando futsal, mas tinha meninos no vôlei, carimbada às vezes, e outras brincadeiras, a professora era bastante interativa. (Entrevistada 7).*

Já a Entrevistada 17 diz “*Só eu de mulher no meio daquele tanto de macho, tinha futsal e vôlei, duas entre 20 meninas faziam aula*”. Esta fala revela algo absurdo sobre o qual é necessário refletir. E as outras 18 meninas, o que faziam?

Ao vivenciarem essa situação, é possível dizer que essas estudantes sofreram uma defasagem de conhecimento que todos/as devem ter na educação física escolar, já que o papel da disciplina é incluir a todos/as para a formação, que valorize as contribuições e habilidades independente do gênero (LO, 2020). Esse relato é de apenas uma das 20 entrevistadas, mas quantas meninas sofreram com a exclusão das aulas? E mesmo os meninos que eram considerados não habilidosos? São questionamentos para promover a reflexão deste texto e das respostas das entrevistadas.

Nicolino e Oliveira (2020), ao relatarem uma experiência desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental a partir de um projeto entre as disciplinas de Educação Física e Português, no decorrer da Copa do Mundo de Futebol Feminino – 2019, destacam a dificuldade das meninas compreenderem o espaço como seu também.

Foi notório naquele momento na escola, assim como nos burburinhos e nos diálogos que já circulavam sobre o tema, um movimento das meninas em levar uma bola de futebol para o recreio. Contudo, observou-se que elas não

compreendiam o espaço como um território ‘permitido’ a elas, jogando em uma pequena parte do gramado ou na lateral da quadra de esportes que era totalmente dominada/ocupada pelos meninos jogando futebol. (Nicolino; Oliveira, 2020, p.66).

Levando em consideração o relato das participantes, é possível notar a superficialidade do tema ao ser ministrado nas aulas. As Entrevistadas 2, 15, 16 e 20, relatam que os esportes trabalhados em aula eram variados, friso novamente que é uma perspectiva delas, pois ao exemplificar, citam apenas o futsal, vôlei, basquete. Por exemplo, *“A gente fazia físico, depois jogava futsal mais coletivo, tinha vôlei, alguns outros esportes”* (Entrevistada 2).

Já as Entrevistadas 8 e 10, relataram que cada aula/bimestre era um esporte diferente. Pelas respostas das entrevistadas, o que mais se tinha e, na maioria dos casos era só o que tinha, era o chamado “quarteto fantástico” – futsal, vôlei, basquete, handebol - e a carimbada.

*Tipo, eu jogava com os meninos, mas os professores eles faziam bimestre por bimestre e trocavam a modalidade, mas eu sempre joguei com os meninos, era bem dividido, geralmente era vôlei, futsal, às vezes carimbada, mas tudo rola bola. (Entrevistada 8).*

As Entrevistadas 2, 8, 10, 15, 16 e 20, exemplificam o futsal e “outros esportes” ou “trocavam a modalidade”, mas também não falam quais modalidades eram desenvolvidas. Apenas a entrevistada 20, que estudou em escola particular, deixa explícito que nas aulas tinham todos os conteúdos da educação física escolar, inclusive esta é formada na área e exemplifica: *“boas, tinha tudo, vôlei, basquete, peteca, bet”*.

Além disso, a partir da análise dos dados, é possível notar o absurdo que a área da Educação Física vivencia e que deve dar uma atenção especial, a forma como as “aulas” eram/são desenvolvidas. Mesmo considerando a diferença de idade de quase 20 anos entre algumas ou de 10 anos entre outras, a maioria vivenciou o mesmo tipo de aula, ou seja, a Educação Física Escolar para a Entrevistada de 37 anos não teve diferença estrutural para as de 18 anos.

A partir desse estudo, é possível sugerir que a monotonia da disciplina, bem como a fragilidade de ter aulas repetitivas, sem atração, estagnadas, geram desinteresse não só das meninas, mas também dos grupos que são facilmente esquecidos das aulas, que são os deficientes e os menos habilidosos. A educação física tida por um/a estudante no primeiro ano do ensino fundamental, geralmente, é

a mesma tida por este/a no terceiro ano do ensino médio e, também é a mesma educação física tida pelos pais deste/a estudante.

Direcionando os questionamentos para a prática do futsal, foi perguntado às participantes do estudo se já jogaram futsal na educação física escolar, e se tivessem jogado/aprendido como havia sido. A partir dessa indagação, identificamos três grupos: um de quem já jogou sem dificuldades, o segundo de quem já jogou, mas com dificuldade e o grupo de quem nunca jogou.

De acordo com as respostas, 15 entrevistadas (1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20) tiveram uma boa experiência, sem relatar dificuldades implícitas ou explícitas. Já as entrevistadas 3, 5 e 11, jogaram, mas tiveram dificuldades relatadas de forma implícita como; *“Sim, normal, os meninos sempre tratam com um pouquinho de indiferença né, mas eu ia lá e fazia o meu, sempre dava certo”* (Entrevistada 3) ou como explicitada pela Entrevistada 5 *“Sim, interclasse, jogando com o time masculino, tendo que brigar com supervisor, professor, com todo mundo, mas participando, porque não dava time feminino, então para eu jogar tinha que ser com os meninos”* e Entrevistada 11 *“Já, mas não deixavam nem eu tocar na bola”*.

Pode-se afirmar que o/a professor/a juntamente com a escola, tem o papel de inserir de forma igualitária e com equidade todos/as estudantes nas aulas. Surpreendentemente, duas das 20 entrevistadas nunca jogaram futsal da educação física escolar, novamente reafirmando a negação ao acesso de algo que faz parte da cultura brasileira, e que é o esporte mais presente nas escolas e que não esteve presente ou foi negado a estas estudantes na época (CUNHA, 2014). Em contrapartida, Vieira (2019) se surpreende ao ver uma menina jogar futsal através de um projeto, fenômeno que ele não tinha visto antes, posteriormente realiza um estudo que analisa as motivações de meninas jogarem futsal.

Em relação à questão se já haviam tido algum tipo de proibição de jogar futsal na escola, 12 entrevistadas (2, 3, 4, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) falam que na escola em que estudaram nunca teve proibição das meninas jogarem futsal, já as outras, oito entrevistadas (1, 5, 8, 10, 11, 12, 13 e 20) relatam que as mulheres eram proibidas de jogar de alguma forma. Dessa forma, para Vieira (2019, p.12), *“os mais privilegiados são os meninos envolvendo, desde aspectos como incentivo, tanto por parte da mídia, família e amigos, até a aceitação”*.

Fazendo uma análise geral, duas participantes entram em contradição nas respostas, mas é uma perspectiva de análise crítica, de algo que passou a ser

normalizado nas escolas. A Entrevistada 4, quando questionada se as meninas eram proibidas de jogar futsal, responde que não, entretanto, quando se pergunta como eram as aulas de EF, ela responde “*boas, tinha mais vôlei, peteca, futebol era para menino mesmo*”, ou seja, não havia, regras explícitas de uma proibição, porém as meninas só podiam jogar vôlei ou peteca, que são esportes considerados “femininos” pelo senso comum. A mesma relação aparece com a Entrevistada 7, que responde “*não que eu me lembre*” quando questionada sobre proibição na EF, mas quando questionada sobre como eram as aulas, responde:

*Na época que eu estudava, praticava vôlei, era bem ativa na educação física. Tinha vôlei para as meninas, e para os meninos futsal, tinha essa separação, não tinha muita menina jogando futsal, mas tinha meninos no vôlei, carimbada às vezes, e outras brincadeiras, a professora era bastante interativa.*

Ou seja, há uma proibição implícita das meninas jogarem futsal, e isso lhe é negado, tanto é que ela responde que nunca jogou tal esporte na educação física escolar, em contrapartida, o esporte que ela jogou nas aulas, teve uma repercussão em sua vida, podendo se dizer que teve uma efetividade boa, mesmo que restrita a uma só modalidade.

Quando questionadas se estabelecem uma relação entre educação física escolar e a continuidade na prática esportiva atual, a maioria (14 das 20 entrevistadas) diz que não estabelece uma relação entre as atividades, entretanto, as Entrevistadas 2, 5, 8, 10, 15 e 20, dizem que tem sim uma relação nessa continuidade na prática do futsal.

Ao responderem se as aulas de educação física tiveram alguma repercussão na prática esportiva fora da escola, as Entrevistadas 2, 3, 4, 9, 11, 12, 13, 14 e 16 responderam que não, e as outras 11 entrevistadas 1, 5, 6, 7, 8, 10, 15, 17, 18, 19 e 20, responderam afirmativamente. Tal questão remete às práticas de atividade física em geral, não somente o futsal, como é o caso da Entrevistada 6,

*Tem, porque, no último ano da minha escolarização, eu tive um contato maior com umas disciplinas da Educação Física, e aí eu acabei sendo incentivada a praticar atividades físicas fora do contexto escolar da educação física, aí me apaixonei pelo vôlei, pratico vôlei, pratico atualmente o futsal de rachinha, mas é só isso mesmo.*

E em específico, a resposta da Entrevistada 10 chama atenção:



*Sim, bastante, tipo assim, eu tinha dois professores né, que eu fui mais ligada nesse tempo que eu estava jogando, e eles sempre incentivava a gente a praticar isso, a sempre continuar jogando, eles sempre faziam que os meninos entendessem que a gente também podia estar ali, que ali era nosso espaço, tipo, tentava juntar né os dois, sempre mesclava menino e menina, e a gente seguia assim, tinha dia que ele tirava os meninos e deixava só as meninas.*

Essa resposta reflete muito sobre questões de gênero presentes nas aulas, sobre a importância do incentivo de professores/as e, conseqüentemente, dos/as colegas. Durante as entrevistas, foi identificado preconceito vindo de professores/as, gestão escolar, pais e colegas, mas a resposta da Entrevistada 10 reflete outras questões diferentes das demais, como é a resposta quando questionada de como era jogar futsal na escola.

*Lá na escola era legal, porque os meninos viam que eu jogava bem né, e eles ficavam me incentivando a jogar mais e sempre me colocavam no time, quando tinha jogo eles me deixavam no banco, era legal, na escola era legal. (Entrevistada 10).*

E ainda sim, mesmo tendo todo o incentivo de mãe, professores, colegas, sofreu preconceito dos próprios colegas, “já, os meninos falavam que a gente era muito ruim, que era muito fraca, que nosso lugar não era lá, que a gente tinha que fazer outra coisa, que futsal não era para menina” (Entrevistada 10).

Para finalizar, provocou-se as entrevistadas a deixarem sua opinião ou fazerem considerações acerca de aspectos que não foram questionados ao longo da entrevista. As Entrevistadas 1, 3, 5, 7 e 10, deixaram contribuições bastante pertinentes.

*“Eu acho que o futsal ainda precisa ser muito valorizado, principalmente para essa geração que está chegando, mas ainda tenho esperança de ser do alto rendimento no esporte” (Entrevistada 1).*

*Foi bom, acho interessante esse roteiro que você falou, eu espero que o futsal feminino, não só o futsal, mas o futebol de campo, todos os esportes femininos venham a crescer, e que esse tabu de masculino venha se quebrar, e as mulheres venham conquistar da mesma forma que os homens conseguem. (Entrevistada 3)*

*“Futebol é coisa para mulher sim!” (Entrevistada 5).*

*Não, só que para as autoridades investir mais no futsal feminino e no futebol das meninas, dos meninos eu vejo muita coisa, para menina a gente que tem que correr atrás mesmo né, agora que está começando aqui em Uberlândia Esporte Clube, e algumas outras aí, mas acho que tem que investir nas meninas, acho bem legal se eles investissem, tem muito futuro aqui, tem muita menina boa em Uberlândia. (Entrevistada 7).*

*Agradecer que você me chamou para vir aqui, e agradecer meus professores, porque acho que sem eles eu não ia entrar nesse ramo, eu ia estar fazendo alguma faculdade hoje em dia, não que eu não pretenda fazer, vou fazer de educação física, mas ia para outro ramo, ia fazer sei lá, ou engenharia, arquitetura, mas não ia fazer educação física. (Entrevistada 10).*

Novamente, afirmação da Entrevistada 10 chama atenção, pois, o/a professor/a tem papel fundamental na inserção, vivência, e continuidade no esporte dos/as estudantes e, muitas vezes, não tem noção disso, dando uma aula “de qualquer jeito”. Conforme explica Vieira (2019), é possível evidenciar que a didática do/a professor/a e o seu relacionamento interpessoal, torna a prática mais prazerosa e estimulante a elas.

Com base no conjunto das respostas das participantes, é possível constatar que a questão de gênero é a mais evidente e está presente tanto nas aulas, quanto na influência do preconceito, bem como é evidenciado por Vieira (2019). Tal questão é aderida para justificar a ausência da participação das meninas nas aulas, e nos espaços fora dela, é possível citar exemplos com as falas abaixo:

*“Com certeza, chama a gente de machinho, de homem, discriminações, essas “normais” que tem aí, essas piadinhas sem graça” (Entrevistada 19).*

*“Hoje em dia não mais, quando eu era adolescente, quando você quer participar, quer jogar e os meninos não deixam, ou tipo, isso não é coisa para mulher” (Entrevistada 5).*

*“A professora falava para ir para a quadra, os meninos jogavam, as meninas ficavam para um canto, se quisessem jogar bola não podia jogar porque os meninos não deixavam, e era isso, só entregava a bola e o povo jogava” (Entrevistada 11).*

*“Sim, interclasse, jogando com o time masculino, tendo que brigar com supervisor, professor, com todo mundo, mas participando, porque não dava time feminino, então para eu jogar tinha que ser com os meninos” (Entrevistada 5).*

*Para as outras meninas sim, mas, como me consideravam mais habilidosa do que as outras, eles deixavam eu jogar, mas sempre diziam “se você machucar, a gente não se responsabiliza”. Com as outras meninas, a monitora chegava e falava “você não pode jogar, pois esse horário é dos meninos, bem descarado mesmo (Entrevistada 1).*

Falas impactantes extraídas das entrevistas remetem a uma série de questionamentos e reflexões:

- Entrevistada 1: “[...] eles deixavam eu jogar, mas sempre diziam “se você machucar, a gente não se responsabiliza [...]”. Se todos/as estão sujeitos/as a

se machucarem na escola, em qualquer aula, de qualquer forma, é responsabilidade do/a professor/a orientá-los da melhor forma possível ao invés de desencorajá-los/as a participar e vivenciar momentos que muitas vezes somente a escola proporciona. Quantos/as estudantes não fizeram a aula/atividade com tal desencorajamento?

- Entrevistada 5: “[...] *não tinha time feminino, só masculino, para você participar você tinha que praticamente obrigar a escola a deixar você jogar no meio dos meninos*”. Não é contraditório pensar que a escola era “obrigada” a incluir as meninas nas aulas e eventos esportivos já que deveria ser o lugar que oferece a oportunidade de conhecimento e vivência a todos/as? (LDB, 1996).
- Entrevistada 7: “[...] *não tinha muita menina jogando futsal, mas tinha meninos no vôlei, carimbada às vezes, e outras brincadeiras [...]*”. Essa fala promove uma reflexão que “conversa” com a maioria das outras entrevistadas. Há várias falas relatando que as meninas ficam de lado, não participam, ou são excluídas, porém, os meninos estão em todos os lugares, eles ocupam os espaços que quiserem, sem preocupações se serão aceitos e incluídos (JACÓ; ALTMANN, 2011). As mulheres/meninas ocupam os espaços que lhe são permitidos, e muitas vezes nem ele, pois, sempre tem alguém preconceituoso ou patriarcal. Na mesma direção, Vieira (2019, p.26) aponta que, 20 de 30 meninas que entrevistou em sua pesquisa relatam que a postura que o/a professor/a tem diante da prática do futsal nas aulas é de indiferença, ou seja, o fato da exclusão das meninas já é normalizado pelos/as professores/as.
- Entrevistada 8: “[...] *ela podia fazer um jogo corrido ali, bonitinho, legalzinho, mas ela não quis, simplesmente não quis, por causa que ia ter uma demanda maior de tempo e ela não quis*”. Esta fala, referindo-se a gestão escolar indica a falta de vontade de mudança. Por representar uma maior demanda. a equipe gestora juntamente com professores/as não “quiseram” permitir a prática do futsal. Esse relato reflete o quanto a falta de acesso pode estar relacionado a vontade da gestão, que as vezes prefere não promover a vivência aos estudantes, procurando o mais fácil e rápido, o menos trabalhoso, negando parcialmente o fenômeno cultural (CUNHA, 2014, p.7).

- Entrevistada 10: “[...] sempre me colocavam no time, quando tinha jogo eles me deixavam no banco, era legal, na escola era legal”. Nesta fala, pode-se destacar a evidente normalização e aceitação do receber pouco, o mínimo, ou talvez nem ele, colocavam ela no time, faziam uma falsa inclusão e a deixavam no banco, provavelmente pela fala, nem jogava, mas ela entende isso como um incentivo.
- Entrevistada 11: “[...] as meninas ficavam para um canto, se quisessem jogar bola não podia jogar porque os meninos não deixavam [...]”. Esta fala remete diretamente que ao entendimento que a “aula” que esse/a professor/a dava era rola bola, somente futsal e, exclusivo para meninos. A falta de comprometimento deste/a professor/a prejudicou não somente a inclusão de mulheres como, provavelmente, também de deficientes e “menos habilidosos”, como também restringiu as aulas à vivência de apenas uma modalidade esportiva sem preocupar-se em ensiná-la (SEDORKO E FINCK, 2012).
- Entrevistada 12: “[...] não tive tanta dificuldade não, até que com isso os meninos eram mais de boa, falavam “a bora”, até me escolhiam para o time, porque eu jogava mais do que alguns meninos”. Nesta fala é possível notar o quanto a educação física era excludente, tanto pelo fato das meninas terem que ser chamadas para participar, quanto pelo fato do mais habilidoso/a ser incluído/a, ou seja, provavelmente aqueles/as menos habilidosos/as ou com alguma deficiência que impossibilita a prática de forma “tradicional” são facilmente excluídos/as das aulas/atividades (SEDORKO E FINCK, 2012).
- Entrevistada 13: “Jogava Handebol, não jogavam futsal”. Neste relato fica evidente que nas aulas só tinha handebol, nenhuma outra modalidade durante todo o ano de ensino. Isso é preocupante, pela negação da cultura esportiva, não só do futsal, mas de uma forma geral, não tendo acesso às danças, lutas, jogos e brincadeiras, práticas corporais de aventura, ginásticas e outros esportes (BETTI, 1999).

- Entrevistada 15: “[...] a maioria jogava com os meninos, porque as meninas não queriam jogar”. Esta fala aborda o fato de as meninas não quererem participar das aulas o que em si já é preocupante. Entretanto, há outros motivos entrelaçados a essa cultura, como falta de incentivo, inclusão e diferença, que muitas vezes o/a professor/a poderia ter, e fazer uma aula diferenciada, fazendo com que as meninas se motivassem para participar e serem ativas nas aulas e fisicamente.
- Entrevistada 16: “[...] os meninos aceitavam bastante, eles até pediam para eu jogar”. A fala da entrevistada em questão traz o questionamento de que a “aceitação” dos meninos que davam credibilidade para participarem das aulas, não a autonomia e inclusão do/a professor/a? Ninguém tem que pedir a participação, deve ser algo “natural” nas aulas e, com o estímulo e desenvolvimento partindo de quem rege esta aula (SEDORKO; FINCK, 2012).
- Entrevistada 17: “Só eu de mulher no meio daquele tanto de macho, tinha futsal e vôlei, duas entre 20 meninas faziam aula”. Esta fala da entrevistada, acredito que seja uma das mais impactantes devido a restrição das aulas a apenas duas modalidades, e a falta de incentivo ou a abstenção dessas adolescentes para fazer as aulas. Onde as outras 18 meninas estavam? Quantas delas nunca fizeram uma aula de futsal, mesmo que rola bola? Quantas tiveram o acesso a essa manifestação da cultura negada e renegada? Dezoito em uma turma, um número aproximado em outra turma, e em mais outra, quando se vê, a maior parte das meninas de tal escola, nunca participaram da educação física.
- Entrevistada 19: “[...] chama a gente de machinho, de homem, discriminações, essas normais que têm aí, essas piadinhas sem graça”. Esta fala que remete a normalização das falas machistas o que é um tanto quanto chocante, mas infelizmente, corriqueiro. Às vezes, a pessoa vem sofrendo preconceito desde pequena, e chega a um momento que normaliza tal fala, o que não deve ser feito, e sim criticado, corrigido e problematizado em diferentes espaços, principalmente na escola.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo inicial deste estudo que era conhecer a repercussão das aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática do futebol jogado por mulheres fora da escola, pode-se concluir que, majoritariamente, as aulas na educação física escolar das participantes não acrescentaram para a continuidade da prática esportiva fora da escola.

A partir da análise dos dados, é perceptível que a escola não influenciou para que elas tivessem oportunidade de jogar o esporte da escola (BRACHT, 1997), mostrando mais uma vez ser um ambiente liderado pelos meninos e por professores/as sem compromisso negam de diversas formas as culturas presentes no país.

Concomitantemente, as aulas são marcadas por rola bola, preconceito e atitudes que menosprezam as meninas, as outras modalidades esportivas, e também o esporte foco que é o futsal, pois, assim como já discutido anteriormente, apenas duas das 20 Entrevistadas tiveram realmente “aula”. As outras que tiveram contato aprenderam de qualquer forma a partir do “rola bola”, muitas vezes brigando com todos/as para poderem jogar.

Outro fato importante a se destacar é que a interclasse despertava o interesse de muitas meninas para jogar, mas justamente por esse negacionismo do esporte para mulheres, várias delas que não tiveram “coragem” para enfrentar o preconceito e os/as professores/as, nunca tiveram a vivência nas escolas. Considerando isso é possível concluir que se houvesse professores/as e gestão escolar comprometidos com a formação íntegra dessas estudantes, em diferentes dimensões, ensinando de fato o fenômeno esportivo futsal e não apenas fazendo aulas rola bola, problematizando o preconceito, provavelmente muitas dessas entrevistadas teriam sido ensinadas.

Pensando na Educação Física Escolar como um todo e não somente nas Entrevistadas, tomando como exemplo o relato de uma entrevistada em que 18 colegas de turma não faziam aula, esse quantitativo poderia se tornar um número menor ou inexistente se tivessem o acolhimento, aula e incentivo como deveriam ser.

Esta pesquisa revelou que, majoritariamente, a forma como a educação física foi trabalhada nas escolas das entrevistadas, não ofereceu embasamentos para continuar a prática esportiva do futsal fora da escola.

Diante disso é necessária uma nova forma de trabalhar este esporte, abrangendo questões de gênero, diversidades de corpos, que devem ser introduzidos em um bom planejamento do/a professor com bases científicas, com uma sequência de aulas coerentes e inclusivas para todos/as estudantes, não ficando apenas no rola bola e também não somente em um formato tecnicista de ensino.

## 6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Daniele Santos de; FREITAS, Lígia Luís de. **O esporte nas aulas de educação física**: por que meninas não jogam futebol?. 2018. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro Universitário de João Pessoa - Unipê, João Pessoa - PB, 2018. Disponível em: <https://bdtcc.unipe.edu.br/wp-content/uploads/2019/03/DANIELE-ALBUQUERQUE-ARTIGO-17DEZEMBRO2018.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25 -31, junho/1999. Disponível em: <http://files.cursoeducacaofisica.webnode.com/200000088-60238611e0/ESPORTE%20NA%20ESCOLA%20-%20IRENE%20RANGEL.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n.7, v.2, p. 62-68, 1986. Disponível em: <https://sitealanrocha.files.wordpress.com/2009/07/a-crianca-que-pratica-esporte.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BRACHT, Valter. Educação física e aprendizagem social. 2. Ed. **Porto Alegre: Magister**, p. 69-89, 1997. Disponível em: [https://www.academia.edu/33554857/Educacao\\_Fisica\\_e\\_Aprendizagem\\_Social\\_Valter\\_Bracht](https://www.academia.edu/33554857/Educacao_Fisica_e_Aprendizagem_Social_Valter_Bracht). Acesso em: 01 mar. 2022.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2504/1148>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BRASIL. **Legislação informatizada - dados da norma**. Dispõe sobre a organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-norma-pe.html>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 19 fev. 2022.

CARVALHO, Dani et al. **Amostragem intencional**: definição e aplicações na pesquisa econômica. V. 87, p. C3, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/36850008/AMOSTRAGEM\\_INTENCIONAL\\_DEFINI%C3%87%C3%83O\\_E\\_APLICA%C3%87%C3%95ES\\_NA\\_PESQUISA\\_ECON%C3%94MICA\\_1\\_INTRODU%C3%87%C3%83O](https://www.academia.edu/36850008/AMOSTRAGEM_INTENCIONAL_DEFINI%C3%87%C3%83O_E_APLICA%C3%87%C3%95ES_NA_PESQUISA_ECON%C3%94MICA_1_INTRODU%C3%87%C3%83O). Acesso em: 14 mar. 2023.

CUNHA, Douglas Silveira. **A importância do futsal nas aulas de educação física escolar**. 2014. 18 f. TCC (Graduação) – Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:



<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5821/1/21061153.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002. Disponível em: [https://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/pdf/futfeminino\\_suraya\\_darido.pdf](https://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/pdf/futfeminino_suraya_darido.pdf). Acesso em: 13 mar. 2022.

FINCK, Sílvia Christina Madrid. **A Educação Física e o Esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**. Curitiba: Ibpex, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341525881\\_A\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_E\\_O\\_ESPORTE\\_NA\\_ESCOLA\\_COTIDIANO\\_SABERES\\_E\\_FORMACAO](https://www.researchgate.net/publication/341525881_A_EDUCACAO_FISICA_E_O_ESPORTE_NA_ESCOLA_COTIDIANO_SABERES_E_FORMACAO). Acesso em: 13 mar. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. [s.l.] 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e – visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 13 mar. 2022.

JACÓ, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. **Educação física escolar e gênero: as diferenças entre meninos e meninas nas maneiras de participar das aulas**. In. Simpósio internacional de educação sexual, Maringá/PR, 2011. Disponível em: <http://docplayer.com.br/56316571-Educacao-fisica-escolar-e-genero-as-diferencas-entre-meninos-e-meninas-nas-maneiras-de-participar-das-aulas.html>. Acesso em: 13 mar. 2022.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1nex18c>. Acesso em: 02 mar. 2022.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. Disponível em: [http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao\\_elenor\\_kunz.pdf](http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao_elenor_kunz.pdf). Acesso em: 16 fev. 2023.

LO, Caio Moreira de Matos. **Futsal e gênero na educação física escolar: um estudo bibliográfico**. 2020. Disponível em: <http://131.0.244.66:8082/jspui/handle/123456789/1847>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MOLINA NETO, Vicente. **Esporte na escola: contradições e alternativas**. 1991, 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1991. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/1320>. Acesso em: 02 mar. 2022.

NICOLINO, Aline; DE OLIVEIRA, Valléria Araújo. "Ocupar a quadra", empoderando meninas: ampliando diálogos sobre futebol e gênero nas aulas de Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/2411/1342>. Acesso em: 15 mar. 2023.

OLIVEIRA, Paulo Kikuchi de. **Futsal feminino nas escolas**: a visão de alunas do ensino médio. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13855>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SEDORKO, Clóvis Marcelo; FINCK, Silvia Christina Madrid. **A abordagem do esporte na educação física escolar**: uma análise do contexto. In. Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá, 2012. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-abordagem-do-esporte-na-educao-fisica-escolar-uma-analise-do-contexto>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto\\_49\\_-\\_Coletivo\\_de\\_Autores\\_-\\_Metodologia\\_de\\_Ensino\\_da\\_Ed.\\_Fsica.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fsica.pdf). Acesso em: 19 fev. 2022.

UOL. **Por que Marta não usa patrocínio esportivo nas Olimpíadas de Tóquio?** SP, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/25/por-que-marta-nao-usa-patrocínio-nas-olimpiadas.htm>. Acesso em: 13 mar. 2022.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente-Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2228>. Acesso em: 01 mar. 2022.

VIEIRA, Bruno de Sales. **“É mais difícil ser menina”**: uma análise das experiências de estudantes com futsal feminino no contexto escolar. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/203928>. Acesso em: 16 fev 2023.

WILPERT, Raul Antônio. **O Futebol como agente de inclusão e interação social**: Um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis – SC. 2005, 131 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101797/225062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2022.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A repercussão das vivências nas aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática do futsal feminino em Uberlândia”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Pollyana Mergulhão Barreto e Gabriela Machado Ribeiro. Nesta pesquisa, nós estamos buscando analisar a repercussão das vivências nas aulas na Educação Física escolar na continuidade da prática esportiva fora da escola.

O Termo/registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Pollyana Mergulhão Barreto que fez o contato com você, por meio de envio de mensagem individual, para consultá-lo sobre seu interesse ou não em participar da pesquisa. Mediante seu aceite, está sendo enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, após a sua assinatura, será registrado e salvo, concluindo o seu aceite em participar do estudo. O encontro virtual será agendado respeitando a sua disponibilidade e da pesquisadora e serão retomados os objetivos da pesquisa, bem como esclarecidas possíveis dúvidas com relação aos procedimentos e garantia de sigilo. É importante ressaltar que você terá um tempo para decidir se deseja participar, se recusa e/ou desiste em qualquer etapa do estudo.

Na sua participação, você deverá: a) eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura do TCLE, o qual poderá ser impresso se assim o desejar; b) Conceder uma entrevista, por meio de um encontro virtual, agendado conforme sua disponibilidade de dia/horário. Você responderá 20 questões abertas e o tempo de duração da entrevista é em torno de 20 a 30 minutos, será gravada em formato de áudio para posterior transcrição das informações na íntegra e os dados da pesquisa serão armazenados em arquivo digital, sob guarda e responsabilidade das pesquisadoras, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa e, excluídos definitivamente, passado este prazo.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada por meio da adoção de códigos de identificação ou nomes fictícios e apenas as pesquisadoras terão acesso. A devolutiva dos resultados da pesquisa ocorrerá por meio de apresentação e discussão com os todos os participantes a ser realizada na instituição-FAEFI/UFU, após a conclusão da mesma, em data a ser agendada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. **Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).**

Os *riscos* consistem em provocar cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista. Para evitar que isso aconteça, as pesquisadoras perguntarão com frequência se o participante está confortável e pretende continuar ou se prefere fazer pausas no decorrer da entrevista. Outro risco é a quebra de sigilo das informações disponibilizadas pelos participantes. Para evitar e/ou reduzir este risco, o arquivo de áudio será identificado por meio de codificação numérica ou nomes fictícios para evitar a identificação do participante.

Os *benefícios e vantagens* consistem no conhecimento gerado pela realização desta pesquisa que poderá qualificar o trabalho desenvolvido na Educação Física escolar ao identificar possíveis lacunas e/ou diferentes possibilidades e alternativas para o desenvolvimento dos conteúdos relacionados ao esporte, promover reflexões sobre o impacto da seleção dos conteúdos e sua forma de desenvolvimentos nas aulas de Educação Física.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Gabriela Machado Ribeiro pelo e-mail [gabimacrib@ufu.br](mailto:gabimacrib@ufu.br) e telefone (34) 98402-7212 e Pollyana Mergulhão Barreto pelo e-mail [pollymbarreto12@gmail.com](mailto:pollymbarreto12@gmail.com) e telefone (34) 99871-2725 ou Faculdade de Educação Física e Física e Fisioterapia na Rua: Benjamin Constant, 1286, Uberlândia- MG. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha\\_Direitos\\_Eticos\\_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf).

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121,

bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

**Uberlândia, ..... de..... de 2022**

\_\_\_\_\_  
Assinatura das pesquisadoras

\_\_\_\_\_  
Assinatura das pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

## APÊNDICE 2 – Roteiro das entrevistas

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Bloco 1: Perfil da participante**

1. Qual sua idade?
2. Com qual gênero você se identifica?
3. Qual sua escolaridade?
4. Em qual bairro você reside?
5. Qual sua ocupação?
6. Estado civil?
7. Durante a educação básica, você estudou em escolas públicas, privadas ou em ambas?
8. Qual o nome da escola que passou maior tempo da escolarização?

**Bloco 2: Prática de Futsal**

9. Onde você pratica futsal?
10. Há quanto tempo pratica futsal?
11. Como começou a jogar futsal? Alguém incentivou a praticar futsal?
12. Já participou de alguma escolinha de futsal? Se sim, era junto com meninos ou exclusivo para meninas?
13. Já sofreu algum tipo de preconceito jogando futsal?
14. Você tem dificuldade para continuar a praticar futsal? Quais os principais desafios e dificuldades?

**Bloco 3: Esporte e Educação Física Escolar**

15. Como eram as suas aulas de EF na escola?
16. Já jogou futsal na educação física escolar? Como foi?
17. Na escola, já houve algum tipo de proibição das meninas jogarem futsal?
18. Você estabelece alguma relação entre as suas aulas de educação física e a sua prática esportiva atual? Qual (is)?
19. No teu entendimento, as aulas de Educação Física tiveram alguma repercussão na sua prática esportiva fora da escola?
20. Você deseja fazer mais alguma consideração?